

“CIDADE-FLORESTA” NA CADÊNCIA DA FESTA: REVERÊNCIAS A SÃO MIGUEL NAS MARGENS DOS “MARAJÓS” (PA)

Agenor Sarraf Pacheco³

Resumo

O artigo discute como ribeirinhos e moradores urbanos reverenciam São Miguel Arcanjo em práticas de festas na mata e na cidade nas fronteiras das ilhas dos “Marajós”, no Pará. Nessa relação, constroem o sentido de Melgaço no fazer-se “Cidade-Floresta” em suas diferentes temporalidades e religiosidades.

Palavras-chave

Cidade-floresta; festa na mata; festa na cidade; oral e letrado; devocional e sacramental.

Abstract

The article discusses how riparian and urban dwellers revere Saint Michael the Archangel in festivities in the forest and in the city in the frontiers of the “Marajós” islands, in the state of Pará. In this relation, they build the meaning of the city of Melgaço when it becomes a “City-Forest” in its different temporalities and religiosities.

Key-words

City-forest; festivity in the forest; festivity in the city; oral and literate; devotional and sacramental.

As intrincadas relações sociais experimentadas por moradores, antigos ribeirinhos, comerciantes, religiosos, romeiros, entre outros agentes históricos, habitantes ou passantes da/na cidade de Melgaço, situada no arquipélago de ilhas que se convencionou chamar Marajó, no Pará, sofrem mediações do anjo São Miguel, padroeiro do município, a partir das muitas histórias que se ouvem sobre o antigo povoado em suas próprias maneiras de comunicação e reverências ao santo.

São Miguel Arcanjo, soldado romano, conforme narrativas de diferentes moradores, emerge das memórias prenunciando tempos distintos: a penúria e a liberdade política.¹ Entrelaçando passado e presente, as histórias deste santo que em Melgaço, na festa de 1929, olhou para trás, predizendo os tempos de desgraça e dominação do município por Breves, inicialmente, e depois por Portel, ambos municípios marajoaras, e derrama água do corpo, em 1960, suando para beatas e adolescentes, indicando o trabalho realizado para retirar Melgaço da custódia de Portel, sinaliza pensarmos nas representações sociais construídas por moradores melgacenses para explicar a ausência de líderes políticos na região,² preocupados com a perda da representatividade que municípios marajoaras tiveram após a baixa da economia gomífera na Amazônia, na sua primeira fase, virada do século XIX e primeiras décadas do XX.

Nos meandros do cotidiano de convivências de moradores na cidade e na floresta, o culto a São Miguel em Melgaço percorre intensas historicidades e intermediações de distintas e relacionais práticas de religiosidades marajoaras. Na tentativa de compreender como o festejo a esse santo traduz tempos de prosperidade e penúria vividos por habitantes melgacenses, captados no diálogo com vozes de antigos ribeirinhos, hoje moradores urbanos, religiosos e romeiros,³ faremos incursos nos rituais dessa manifestação, sondando significados atribuídos a práticas devocionais de *festa na mata*, dirigida por cantadores e tocadores da folia do santo padroeiro, e de *festa na cidade*, conduzida por agentes religiosos oficiais, responsáveis pela disseminação de novos princípios religiosos na região. Essas duas formas distintas de festejar, mas não excludentes e antagônicas, tecem a fisionomia daquilo que podemos entender como a constituição de modos de vida numa “cidade-floresta”⁴ à margem da ilha dos “Marajós”.⁵

Incursões na história da festa

A festividade de São Miguel Arcanjo, em Melgaço, tem suas singularidades, rituais, relações e historicidades.⁶ Pela maneira como foi sendo tecida ganhou outros contornos e elaborações. Tradicionalmente propagada como um evento da segunda semana de setembro,

prolonga-se até o dia 29 do mês, quando o município celebra o aniversário do arcanjo Miguel. Estudando seus rituais, fomos percebendo que é possível deslocar esse período para o início do mês de agosto, quando foliões saem em peregrinação e trabalho de esmolação, percorrendo os rios do município com a imagem do padroeiro, levando o santo para ser reverenciado por populações ribeirinhas que habitam o espaço rural de Melgaço, bem como aquelas que vivem nas fronteiras Melgaço-Breves, Melgaço-Bagre, Melgaço-Portel, Melgaço-Gurupá, integrando o imenso Marajó, geograficamente separado por cursos de águas e caminhos de matas.

Não podemos pensar as festas religiosas apenas como um mero divertimento dos grupos populares ou como lugar onde se conservam tradições arcaicas que se congelaram no tempo histórico.⁷ Para percebermos como essa manifestação de vivências foi se modificando e incorporando outros códigos de comunicação, acompanhamos lembranças registradas por seu Manoel Soares quando descreve características da vila de São Miguel de Melgaço, no contexto das festas, antes do renascimento da municipalidade, no início da década de 60. Seu depoimento permite visualizar os novos contornos que a vila ganhava em seus traçados, marcados pela intensa presença da vegetação. *“Quando chegava a época da festa, aí as pessoas se reuniam pra roçar o caminho pra ir lá pra igreja. Roçava o largo e roçava a rua pra poder aparecer a igreja na frente do rio”*.⁸

Considerando a forte presença da floresta na vila, de acordo com lembranças de “seu” “Grosso”, ao reportar-se aos tempos em que chegou para morar em Melgaço (início da década de 1940), aspectos importantes do festejar, naquele tempo, podem ser escavados de suas expressões. *“Não havia procissão, pois não tinha por onde fazer a procissão. Faziam só a festa, a reza lá na igreja (...) Fazia um bingo e o caboclo dançava lá. Era uma diversão diferente. Não é como hoje que a diversão é boa. Naquele tempo era muito ruim. Hoje não, a diversão é uma maravilha”*.⁹

Diferentemente das percepções de que as experiências compartilhadas no passado foram melhores, os significados da festa de São Miguel em tempos idos, captados por recordações do momento presente,¹⁰ levam o depoente a enfatizar que, naquele tempo, a festa não saía da igreja, mencionando que as diversões no tempo de sua juventude não eram tão boas quanto hoje. Narrando mudanças na organização da festa, com a presença de pessoas vindas de outros lugares, diversificação de serviços, vendas, possibilidades de “curtição”, “seu” “Grosso” foi rearticulando suas experiências passadas constituintes tanto da festa de São Miguel, quanto do viver na “cidade-floresta”. Sinaliza, em suas lembranças, que a valorização de aspectos sagrados *sobressaía* sobre outras formas de expressões populares.¹¹ Nesse caminho narrativo, a maior ênfase atribuída pela população ao culto a São Miguel também ficou registrada no depoimento de “seu” “Adamir Borges”. *A festa de*

São Miguel, bom, a festa maior era na igreja, tinha o baile, mais o baile não era assim como é hoje, era devagar, a maior festa era na igreja mesmo, muita gente pra rezar e tudo direitinho na hora de rezar”.¹²

Reencenando contextos históricos de Melgaço, no fazer-se do espaço urbano erigido concomitantemente a releituras de experiências e vivências rurais/florestais, moradores fazem ver em suas memórias que a “cidade-floresta” ganhava novas fisionomias, contornos, ritmos e agitava-se no período do festejo do padroeiro.

Nesse tempo de festa, ribeirinhos do município ocupavam e ocupam a cidade, fazendo parte de sua dinâmica social, empreendendo nesta, de forma mais intensa, seus saberes e expressões de convivência, partilhas e intrigas. Nesse momento, constroem e renovam relações de amizade nos encontros e reencontros pelas ruas da cidade; no arraial da festa, na procissão do santo; no porto onde os barcos atracam, nos salões de dança, nos torneios e campeonatos de futebol realizados neste período festivo; nos bares, lanchonetes, restaurantes e comércios. Encontram, portanto, na cidade o seu “pedaço”, pois nesses reencontros revivem experiências e saberes do viver rural, revivificando tradicionais práticas inscritas em espaços e relações sociais comungadas em outros tempos. *“Todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer”*.¹³

Nos três últimos dias da festa, 27, 28 e 29 de setembro, famílias de ribeirinhos migram/migram para a vila com sacolas, porcos, patos, peixes e restos de mantimentos para viverem expressões de sua religiosidade e reavivamento de sociabilidades com pessoas próximas e distantes. Amparando-se na casa de parentes, amigos, conhecidos; improvisando barracos de açazeiros e palha; ou ainda ficando hospedados em embarcações próprias ou não, ribeirinhos, incorporando identidade de romeiro, devoto de São Miguel, contribuíram para que tradições religiosas populares não perdessem historicidades enquanto manifestações coletivas cotidianas, mesmo tendo que enfrentar difíceis peregrinações para chegarem à antiga vila São Miguel de Melgaço.

Fazendo dos festejos religiosos territórios¹⁴ de sociabilidades nos reencontros com parentes, amigos, conhecidos, ou de renovação de experiências comungadas em outros tempos nos caminhos da floresta e ribanceiras de rios, ribeirinhos melgacenses recriam ainda hoje os sentidos da religiosidade popular marajoara, tendo como premissas percepções, sensibilidades e saberes oriundos de uma tradição rural e oral.

Correlacionando lembranças dos sons com a memória festiva, interessante depoimento fora produzido por dona Neuza: *“No tempo que era inspetoria, eu lembro da polícia que tocava a missa, tocava a procissão, terminava a festa passava três dias com a soada da música no meu ouvido. Lindo! Era lindo! Agora não, não chega nem um quarto dos tempos passados”*.¹⁵

Hoje, o som das aparelhagens, bandas de música e tecladistas são os instrumentos que promovem a diversão nos salões, danceterias e bares da cidade, afastando casais idosos desse universo de diversão. Portadores de culturas em que a letra ficava dispensável ao som dos instrumentos musicais, poderiam compor, no jogo da memória/imaginação, frases, versos, poemas capazes de trazer sensações e lembranças prazerosas dos tempos de suas mocidades. Hoje, não se sentem confortáveis para experimentar novas sonoridades e reconstruir identidades passadas.

Mesmo evidenciando elementos de mudanças entre festas passadas e festas atuais, moradores apreenderam essas mutabilidades via processo de crescimento da população urbana melgacense. No diálogo iniciado por nós e redimensionado nas questões trazidas à baila por depoentes, Dudu também retém, no universo de suas memórias, reflexões em torno dessa questão. *“Sempre por onde eu passo, eu vejo que a cidade está crescendo. Olha, a rua 31 de Março, já chegou no lago. No tempo de festa a gente vê tanta gente que aparece dessas ruas que ficam aí pra trás que a gente pensa que é do interior, mas não é, esse povo já é todo daqui. É sim, gente do interior que já tá morando na cidade”*.¹⁶ Sobre essa temática vale ainda focalizar a entrevista de dona Neuza. *“Quando passava a festa de São Miguel, a gente ficava a modo que não tinha ninguém, a modo que todo mundo tinha morrido, porque o pessoal do interior ia embora e ficava só nós aqui, e hoje não, a gente nem diferencia mais quando o pessoal vão ou não”*.¹⁷

O aumento da população através do processo de migração floresta-cidade vem sendo pressentido por muitos moradores de Melgaço, confundindo-os, levando-os a desconhecem espaços e territórios que compunham o antigo cenário urbano de Melgaço com seus traçados de vila. Antigos habitantes, que conheciam um por um, hoje não sabem mais discernir quem é de fora e quem é de dentro, mesmo que o número de moradores não exceda 4 mil habitantes.¹⁸ Muitos passam a ser vistos apenas nos eventos que a cidade realiza, seja na festa de São Miguel, no carnaval, nos salões e nas ruas, nas comemorações e programações realizadas pela Secretaria Municipal de Cultura, escolas e associações, como o Dia do Trabalhador, Festival de Verão, Quadra Junina, Aniversário de Melgaço, Festival do Folclore, Semana de Arte e Cultura, ou nos bailes de ontem e de hoje como Baile das Flores, Natal e Ano-Novo. Durante a semana, envolvidos em diversas formas de trabalho – tirar açáí, palmito, madeira, fazer roça, derrubar a mata verde, capinar, encoivar, plantar, colher, pescar, lancear –, moradores do espaço urbano desaparecem das cenas e ruas de Melgaço, chegando à tarde ou à noite em suas casas, casebres, choupanas ou palhoças, depois de intensas relações com um viver e trabalhar no espaço rural.¹⁹

Participando de diferentes ritos do catolicismo marajoara, moradores melgacenses, ribeirinhos-romeiros, visitantes e curiosos envolvem-se nos festejos de São Miguel e

guardam em suas memórias pedaços do vivido reencenados pelo constante retomar das tradições. Questões dessa natureza são sugeridas no depoimento de Maria das Graças Michiles, conhecida pelos moradores como Bebé.

Gostava muito de andar assim, pra mim ir segurando o santo pelo meio do pessoal era muito divertido. Na hora da oferta eu saía com minhas irmãs recolhendo o dinheiro que o povo doava pro Santo. Quando chegava a festa mesmo era muito animado, nesse tempo. Quando eu fui candidata da festa²⁰ a apuração foi até no dia 30, era difícil, aí vinha padre, porque era difícil algum vim aqui. Às vezes vinha na Semana Santa e pela festa de São Miguel, nem pastor não tinha, porque não tinha crente nessa época.²¹

As lembranças das alegrias vividas nas festas antigas por Bebé entrecruzam com dificuldades que moradores da vila de Melgaço enfrentaram para renovar sacramentos religiosos. As visitas esparsas e provisórias de padres das paróquias de Portel e de Breves, se, por um lado, demonstravam um certo abandono da vila por parte do poder religioso oficial, por outro, ajudam a pensarmos por que a presença de um catolicismo de base popular emerge de maneira tão intensa na voz de moradores, romeiros, cantadores de folia, rezadeiras de ladainhas em latim, quando nos colocamos a escutar suas experiências de vida, trabalho e religiosidade.

Durante o período de abandono e restauração (década de 1930 a 1960), Melgaço não teve um padre fixo para dirigir a paróquia de São Miguel. Leigos engajados, a partir de suas vivências em processo de escuta, incorporaram passagens da Bíblia, ensinamentos e orientações para construir experiências significativas de uma religiosidade popular, tanto na nascente “cidade-floresta”, quanto nas vilas e casas situadas nas bordas de rios e matas no espaço rural do município.²²

O acúmulo dessa bagagem cultural provinda do processo de comunicação com a palavra de Deus, anunciada nos domingos, nas festas religiosas e nas fortes mediações entre práticas de leitura²³ e escuta, possibilitou salvaguardar tradições e retalhos de experiências que ainda hoje prosseguem em suas caminhadas mata/cidade, cidade/mata, renovando-se na retomada das peregrinações feitas com a imagem de São Miguel por foliões e nos encontros das CEBs na cidade, assim como nas visitas de grupos pastorais às comunidades rurais.

Ainda hoje a paróquia de São Miguel em Melgaço não possui seu pároco. A casa de missão da comunidade Filhas da Divina Graça, com matriz em Soure, a partir de 1995 passou a realizar os trabalhos pastorais na cidade e no interior, redimensionando práticas de religiosidade dos moradores e ribeirinhos melgacenses. Na chegada do grupo das irmãs, um padre de nome Sebastião também compunha a equipe que migrou para traba-

lhar na paróquia de Melgaço, mas dois anos depois tivera que retornar para seu local de origem vendo sua idade avançada não mais lhe permitir realizar atividades que exigiam seu ofício.

A inexistência de um poder religioso em Melgaço fez com que grupos de leigos assumissem funções e cargos em todas as comunidades locais. Destacou-se, nesse processo, o grupo dos foliões que, anunciando a festa de São Miguel nos espaços rurais, redesenharam sentidos da fé e do catolicismo no município.

Foliões entre rios e matas com o Arcanjo Miguel

*“Isso vem de longos anos, do começo da criação. Na Bíblia aparece uma parte onde Jesus está que aparece o estandarte da bandeira”.*²⁴ Preocupado em explicar o surgimento da folia de São Miguel em Melgaço, seu Manoel Tavares correlaciona tempos distintos e lugares diferenciados para falar da ancestralidade dessa prática social. Nessa explicação, como que querendo legitimar o papel exercido por tocadores de instrumentos confeccionados manualmente por meio de elementos da cultura material marajoara, sacraliza a folia de São Miguel como tempo de renovação de ensinamentos bíblicos por Jesus Cristo, em suas peregrinações, acompanhadas por estandarte da bandeira de folias religiosas.

As folias dos santos do catolicismo desembarcaram no Brasil com colonizadores portugueses que, sedentos por riquezas, embrenharam-se nas matas e rios tropicais. À medida que povoados foram se formando em torno de capelas ou pequenas igrejas, habitantes do “achado” Brasil e negros africanos escravizados, envoltos em outros universos culturais e religiosos, incorporaram, seletivamente,²⁵ a partir de suas percepções de mundo, expressões em que se imbricaram o velho e o novo mundo. Nesse hibridismo de culturas, homens e mulheres recriaram e vêm recriando, em diferentes espaços e contextos históricos, crenças, cantos, cantorias, louvores, benditos, ladainhas e tantos outros ritos correlacionando sagrado/profano, rural/urbano, velho/novo mundo, oral/letrado em múltiplas relações, poderes e sociabilidades, negociando e lutando por suas sobrevivências físicas, espirituais e culturais.

Nos Marajós esse processo não foi diferente. A dinâmica, muitas vezes, diferentemente trilhada pelos municípios que compõem o imenso arquipélago, ressignificou em cada lugar santos e santas, mitos de origens históricas dos antigos povoados. Em aldeias ou “cidades-florestas” de hoje, foram escolhidos grupos de cantadores dispostos a percorrer lugares mais longínquos dos municípios para levarem a imagem do santo(a) escolhido(a), anunciando a chegada dos festejos religiosos. Em Breves, seus habitantes festejam Santa-



Foto 1 – Bernardo Ferreira de Lima, violeiro. Foto da Pesquisa. (Melgaço, 2002.)

na e São Sebastião; Gurupá, a famosa festa de São Benedito; Portel, N. Sr^a da Luz e N. Sr^a de Nazaré; Curralinho, São João Batista; São Sebastião da Boa Vista, São Sebastião; Anajás, Menino Deus e Santo Antônio; Afuá, São Sebastião e N. Sr^a da Conceição; Bagre, Santa Maria; Cachoeira do Arari, São Sebastião; Muana, N. Sr^a de Nazaré; Oeiras do Pará, N. Sr^a da Assunção; Ponta de Pedras, N. Sr^a da Conceição; Soure, São Sebastião e N. Sr^a de Nazaré, e em Melgaço, São Miguel Arcanjo.

A história da folia do Arcanjo São Miguel está intimamente ligada com a própria história de vida de ribeirinhos melgacenses, que vêm celebrando há mais de 60 anos, de acordo com depoimentos colhidos entre antigos foliões, tempos que evocam memórias de prosperidades e penúrias sintonizadas com formas próprias de cultuar São Miguel Arcanjo e trabalhar na mata para garantir suas sobrevivências.

Dialogando com Bernardo Almeida, vulgo Noronha, tomamos conhecimento de que a letra e a melodia da folia de São Miguel fora escrita por seu pai, Luciano Ferreira. Questionado sobre a composição dessas cantorias, seu Noronha foi sintomático: “*Ele tirou da própria cabeça*”, deixando ver e entender como devotos de São Miguel recriaram propostas de anunciar e levar a palavra de Deus, o culto a São Miguel a seus pares, em tempos dos festejos religiosos, orientados por ensinamentos provenientes de torrões de oralidade ribeirinha.

Cortando rios, furos, lagos, igarapés do município, foliões melgacenses deixam suas casas, família e trabalho para participarem da peregrinação, esmolação, arrecadando doativos traduzidos em doações de patos, galinhas, porcos, peru, jabuti, tracajá, paneiros de plantas, fitas, flores, além de dinheiro. Quando as embarcações são pequenas e não

comportam mais os presentes dos promesseiros, o diretor da comissão decide vender alguns desses animais para esvaziar os barcos e abrir espaços para passageiros da folia e donativos a serem recebidos em outros portos.

Seu Bernardo Ferreira, relatando suas experiências nas andanças com a imagem de São Miguel – desde quando seu pai, Luciano Ferreira, autor das cantorias da folia, era o mestre-sala, há mais de 40 anos –, lembrou das dificuldades enfrentadas quando em atividades festeiras pelos rios do município visitavam casas de devotos do “Guerreiro Miguel”. *“Naquele tempo ainda era mais difícil do que hoje, porque nós saía no casco com remo de faia. É um trabalho muito grande, porque você tem que cantar o dia todo e tem vez que o cara fica baqueado da garganta”*.²⁶ Entre elementos da cultura material ribeirinha, como casco com remo de faia coberto com palha de buçuzeiro, instrumentos como reco-reco confeccionado com taboca de bambu, existente há mais de 60 anos, esses anunciadores da festa cantavam palavras de Deus e renovavam o culto a São Miguel. Não apenas por interesses econômicos, como a direção da paróquia tem chamado atenção em seus discursos, ao decidir os rumos que deve tomar essa manifestação popular em Melgaço, mas porque acreditam nos milagres e benções de seu padroeiro, confirmando em suas falas dádivas e graças recebidas.

Na tentativa de captar o itinerário percorrido por esses tocadores e cantadores, preocupamo-nos em saber o tempo que passam em atividade e quais os rios atravessados. Seu Tavares, como se tivesse um mapa do município desenhado em sua memória, foi se expressando com a mesma facilidade que cantou a folia de São Miguel.

*Quando nós fazia os dois roteiros, o primeiro nós saía dia 10 de junho e chegava 10 de julho. Nós ia pelo Cutipereira, baixava Campinas, Carutá, Carnajuba, Machaqualim, boca de Breves, pedaço de Santa Isabel que vai pra Curralinho e o rio Tamucuri, rio de Breves até o Igarapé do Lago, subindo o Buiussu, pegava Macena, varava Pracaxi, pegava Jaburu, Mainardi e São Benedito, voltando pegava o Mugirum e chegava em Melgaço. Só que faz cinco anos que esse percurso não é feito. Esse roteiro foi eu que criei.*²⁷

Responsável pelas viagens que foliões de São Miguel fazem ao interior de Melgaço, seu Manoel Tavares faz percursos, caminhos e atalhos realizados nos labirintuosos territórios que separam fisicamente a zona urbana da zona rural/florestal do município. Seguindo tons de cantorias tatuadas em suas memórias e reencontrando-se com gentes, rios, matas e animais domésticos e da floresta, foliões trafegam por diferentes lugares de Melgaço com a imagem de São Miguel, festejando-o primeiramente com as populações ribeirinhas, no que podemos denominar Festa na Mata, por meio dos rituais da folia do padroeiro, e depois com moradores urbanos, no espetáculo de abertura da Festa na Cidade.



Foto 2 – Manoel Tavares, mestre-sala, responsável atualmente pela organização da viagem feita por foliões em tempos de festa. Tocador de reco-reco. (Foto da Pesquisa, Melgaço, 2002.)

Dividindo o município em três dimensões, dois grupos de foliões percorriam, a partir de junho, as localidades e comunidades católicas em grupo que começou a ser liderado por Luciano Ferreira, depois Hilário Mamede de Souza, Lauro Ribeiro e, há cinco anos, por seu Manoel Tavares. O primeiro caminho descrito por esse último responsável pode ser visualizado como o roteiro de Campinas, tradicionalmente conhecido na divisão geopolítica oficial e difundida nas instituições sociais da cidade, expandindo-se para as fronteiras Melgaço/Bagre, Melgaço/Breves, Melgaço/Currallinho. Em média são visitadas 30 casas, apenas duas não são Comunidades Eclesiais de Base. Tal processo de peregrinação e esmolação permite perceber interfaces sagrado/profano em atos de devoção que unem por mediações religiosas municípios do imenso “Marajós”.

Deixando seu Tavares explicar o segundo momento de caminhada, seu depoimento assim foi se constituindo:

A segunda começava dia 1 de agosto e ia até o segundo sábado de setembro. Começa pelo rio Tajapuruzinho, Irajubá, Furo da Vila, Conceição, Cacujó, Cacualinho, Mapari Grande, Laguna, Tajapuru, pega o Rato, depois Carapanã Preto, Limão, Tajapuru, entra Buiussu do Gabaia, Rio Lourenço, Companhia, vara Jacaré Grande, Jacarezinho, Tajuri, Jaburu, vara o Lontra, pega o Companhia, baixa Tajapuru, entra Pauxis, entra Tambururi, vem no rio Conceição, retorna pelo Tajapuruzinho e vem pra Melgaço.

Durante 45 dias, visitando em média 45 casas, das quais em apenas cinco não funcionam CEBs, foliões dirigidos por um mestre-sala redesenham percursos de peregrinação, reencenando atitudes deixadas por Cristo em suas andanças nos diversos povoados que visitou, ligando a seu próprio modo de ser, moventes tradições católicas orais em espaços marajoaras. Cantando e rezando nas fronteiras e margens dos “Marajós”, religiosidades são reinscritas nos fortes e esperados reencontros de populações vivendo isoladamente, mas articuladas culturalmente em suas experiências de trabalho, festa, lazer, religiosidade, modos de ser e pressentir a vida em espaços da floresta.

Nesse segundo percurso, que pode ser denominado roteiro do Tajapuru, um dos rios mais navegáveis do município, já que se encontra com o Amazonas, a arrecadação de donativos é maior do que nos demais. Em duas localidades – Orlando Vieira e Wilson Gonçalves Vieira –, a chegada do santo, por ser tradicionalmente programada com maior antecedência, movimenta os moradores do entorno, construindo espaços para o festejar, fazendo o arcanjo Miguel participar da celebração de diferentes rituais que relacionam sagrado e profano em práticas de *festa na mata*.

Tudo começa com o recebimento e desembarque da folia pela comunidade local, após a saída da bandeira vermelha conduzida pelo alferes, seguida da imagem do padroeiro que é posta no centro da mesa na capela, salão de festa, ou sala da casa da família visitada, improvisando altar de louvação, devoção e culto. A imagem do santo é trazida no colo por uma pessoa do local que, comumente, está pagando alguma promessa ou tem o desejo de carregar São Miguel. Esse ritual de recebimento é acompanhado por cantorias entoadas pelos foliões com passos ritmados em direção ao altar previamente destinado. A chegada na localidade onde o santo vai pernoitar acontece a partir das 15 horas, seguindo temporalidades das águas, nos jogos de enchentes e vazantes. Às 20 horas é rezada a novena e a ladainha em homenagem a São Miguel; ao término, o chefe da casa sai com uma toalha branca arrecadando dinheiro que é ofertado por romeiros, promesseiros e participantes. Depois desse ritual, tem início a festa dançante, com realização de bingos, leilões, sob a cadência das cantorias. Nessas duas localidades, todo valor arrecadado, desde o pagamento de ingressos e o lucro da bebida vendida, é entregue para o mestre-sala da comissão de foliões. Em outras localidades, conforme narrativa de seu Tavares, dirigentes de comunidades usam o nome do santo para conseguir sucesso em programações visando a interesses pessoais. Outros fazem aquilo que, na zona rural marajoara, ficou conhecido como “mucura”, em que ao som de um gravador ou pequeno aparelho de disco de vinil e fita cassete ribeirinhos-romeiros divertem-se até altas horas da madrugada.

Entrelaçando expressões do sagrado e do profano, cantadores, romeiros e curiosos vivenciam dimensões do “festar” e cultuar São Miguel, tanto na capela quanto no salão de

festa em locais próprios ou improvisados. Esses cantadores, conscientes do papel social que desenvolvem naquele contexto, sabem que não podem ultrapassar os limites das orientações do chefe da comissão. Alguns, contudo, por reencontrarem amigos ou envolverem-se intensamente nos territórios da festa profana, acabam “agasalhando” o sagrado no canto da parede e esbaldando-se nas bebidas, e ficam depois a dormir pelos cantos do salão que foi palco de suas alegrias.

Seu Tavares, comentando sobre essa questão, utilizou-se da pedagogia da tolerância para explicar como, na condição de responsável pela comissão de foliões, lida com atitudes dessa natureza.

O erro é humano. O mandamento manda você perdoar. Quando alguém erra, poderemos cobrir ele com a bandeira vermelha para redimir dos pecados. No sábado tem a estação de penitência na hora das Ave-Marias. De dois em dois são agraciados com a bandeira de São Miguel em um de seus ombros, durante as horas da oração.

A partir dessa orientação, o mestre-sala coloca em evidência significados da bandeira da folia de São Miguel e de que maneira membros da comissão, ao caírem em tentação, afastando-se de suas responsabilidades religiosas, podem reencontrar novamente sentidos para continuar sua peregrinação. A bandeira simboliza o véu divino. Ser coberto de Joelho traduz proteção e arrependimento. “*Significa uma penitência, como um véu em cima de nós, pedindo uma perseverança durante a semana e o perdão daquilo que não agradou a Deus e a São Miguel*”, explica seu Tavares.

Nessas dimensões simbólicas, a bandeira vermelha é usada tanto para avisar que o santo está chegando na localidade e o barco está prestes a ancorar, quanto para redimir, em ritos de ave-marias aos sábados, pecados cometidos por foliões e devotos de São Miguel, quando, mesmo vivendo rituais religiosos populares, desviam-se de suas veredas.

De acordo com explicações dos foliões, há ainda a bandeira branca com o desenho de São Miguel que é usada para resguardar o santo. Acompanhando por onde entra esse símbolo nos rituais da folia, importar ouvir a explicação feita por seu Tavares:

Depois que termina a ladainha pra São Miguel, o chefe da comissão pede licença pro proprietário da casa pra desembarcar o oratório de São Miguel (espécie de capelinha) e a bandeira branca. Essa é instrumento de segurança, protege o santo. Pela manhã, quando nós já estamos de saída, a primeira coisa que embarca é o oratório e a bandeira branca.

Ao lado do oratório, onde os foliões guardam a imagem de São Miguel depois que encerram a celebração na capela, a bandeira branca fica estendida ou pendurada, em sinal de proteção e vigilância. Ao trazer a imagem do guerreiro Miguel, a bandeira branca ainda

evidencia, em sua cor, a presença do Espírito Santo, religando a religiosidade marajoara com elementos utilizados em diversas folias de santos do catolicismo popular, tanto na Amazônia como em outras regiões brasileiras.

A diversidade de folias, letras, melodias, instrumentos musicais, signos e significados impressos nas peregrinações realizadas possibilita pensarmos na multiplicidade de elementos presentes nos rituais e entendermos a forte ligação que elementos da cultura material têm com os mundos imaginários, reais e sensíveis dos grupos sociais. Inscritos nos usos e sentidos a eles atribuídos, expressam emoções, afetos, agradecimentos, arrependimentos vivenciados pelos devotos de São Miguel.

Seu Manoel Tavares, ao explicar sobre a letra e o tom das folias de São Miguel, mencionou que *“a folia não é só um jeito. Se ir explicar dá mais de 30. Você pode tirar em qualquer toada e falar outros versos”*, abrindo espaço para captarmos sinais da infinita memória oral popular e injunções de culturas amazônicas e nordestinas no lado do meio norte paraense.

*A folia começou nascendo em Melgaço com versos. Chegava um ali dizia um verso o outro daqui aí a gente ia debatendo, aí passava para a história, aí passava pra folia. Os historiadores da folia não existem mais. (...) A folia fez ter gosto de tambor que nem uma música se eu vejo uma menina ficar na frente eu posso tirar uma poesia da pessoa dela e depois e só traduzir bem e atuar. Eu já conhecia a folia em Melgaço, São Miguel tem folia própria pra santo.*²⁸

Seguindo estrutura ritmada e versos que podem ser evocados na hora da cantoria, foliões no interior de Melgaço foram, em outros tempos, uma espécie de repentistas, *pelejando* e criando entre si rimas e versos no porfiar entre dois santos: o que estava na localidade e o que chegava em visita e esmolação. Nesse contexto, trocavam imagens, palavras e experiências religiosas no lidar com cultos diferenciados e semelhantes de santos do catolicismo amazônico. À medida que proprietários de vilas e rezadores de folias foram desaparecendo desse cenário, tais tradições reconfiguraram sua historicidade em lembranças que trazem à tona antigos processos de comunicação. No envolver-se com outras formas de expressões de evangelização, oficializadas pela prelazia de Marajó, negociaram o seu “saber-fazer religioso”, incorporando seletivamente ensinamentos carregados de erudição, abstração e desfocados do contexto em que estavam inseridos. Ao ativarem suas percepções, co-relacionando mundo sagrado com vivências cotidianas, inventaram estratégias para preservar e assegurar traços de suas difusas culturas ribeirinhas, confrontando práticas de uma cultura erudita letrada que vem se expandindo na região.

Preocupados com olhares e atenções de diferentes protagonistas sociais na construção dessa experiência religiosa, no último dia da festa de São Miguel em 2002, fomos até

alguns barquinhos ouvir impressões de ribeirinhos sobre suas experiências e lembranças a respeito dessa manifestação. Na entrada de um barco e na saída de outro, cruzamos com relatos de Doralice Pinheiro, devota de São Miguel, engajada na Comunidade Eclesial de Base Livramento, localizada no rio Tajapuru. Entre seus falares sobre a festa, retivemos como as Comunidades Eclesiais de Base, ou moradores de casas isoladas, situadas na beira de rios do município, vivem a chegada do santo.

Olha quando ele pernoita nas casas que fica próximo de casa, a gente vai rezar e também quando ele já está é... quase fechando a bandeira que sai, a gente pede pra ele visitar as casas da gente e ele vai, pelo menos na minha casa ele vai todo ano. Quando ele chega a gente se reúne, canta hino, reza a ladainha e convida os vizinhos, eu sei que sai bem organizado.²⁹

O depoimento de Doralice traz dimensões de vivências religiosas no interior do município, colocando em evidência sentidos do envolvimento de ribeirinhos com a *festa na mata*. Na peregrinação pelos rios de Melgaço, foliões com a imagem de São Miguel, ao deixarem a cidade, já levam rascunhados em suas memórias os locais onde o santo vai pernoitar. Durante o dia em suas andanças de casa em casa, cantando e recebendo donativos e promessas, reencontram velhos conhecidos, reatam laços de amizade desenlaçados pela migração para a cidade. Esses foliões, antigos ribeirinhos, hoje moradores urbanos, retornam para seus espaços de origem compartilhando, com seus pares, retalhos de sua cultura que não se descolaram de seus corpos em meio a dificuldades para percorrer o município com a imagem de São Miguel.

A história dessa manifestação de fé, devoção e renovação de identidades fragmentadas vem sofrendo alterações no decorrer de sua trajetória. De acordo com narrativas de seu Manoel Tavares, a folia deixou de percorrer o município durante três anos (1999-2001) em função de atitudes adotadas pelas atuais dirigentes da comunidade Filhas da Divina Graça, responsável pela paróquia de Melgaço.

A folia foi esquecida por motivo das irmãs com o padre. Eu passava a folia quando eu morava no município de Melgaço, passava por causa que eu gostava de acompanhar. Eu entrei quando eu vim do interior morar na cidade. Desde de lá eu me tornei mestre-sala.³⁰

Durante os anos em que a comissão de foliões não saiu para realizar a festa na mata, a paróquia orientou os dirigentes das CEBs a virem até a sede buscar a imagem do santo e realizar os rituais, retornando para a cidade com donativos, promessas e dinheiro arrecadados. Polêmicas em torno da decisão adotada com relação à festa de seu padroeiro tomaram conta de Melgaço. De um lado, religiosas oficiais argumentavam que os foliões exploravam a paróquia porque cobravam até 50% do dinheiro arrecado nas peregrinações, ferindo

o papel que deveriam adotar enquanto membros da Igreja. “*Todo trabalho religioso deve ser uma doação*”, comentou irmã Eunice, superiora da Comunidade Filhas da Divina Graça. Do outro lado, foliões, membros da Igreja e moradores urbanos combatiam a atitude tomada pela paróquia, reclamando das restrições da tradição.

Rumores dessa polêmica também foram ouvidos e sentidos por ribeirinhos marajoaras. Na perspectiva de captar sentidos sobre essa alteração na forma como o santo passou a chegar nas CEBs, Doralice também se posicionou.

Quando o santo não vem nos visitar, olha representa uma tristeza porque ele não sai com os foliões completo, porque eu ouvi falar que os foliões tavam ganhando a mais do que deviam, né, então a gente era que tinha que rezar a ladainha e ficar com ele dois, três dias na comunidade.³¹

A participação dos foliões, com seus instrumentos musicais e cantorias, dá sentido à presença do santo nas comunidades rurais em tempos de anúncio da festa. A ausência desses guardiões de tradições orais aparece no depoimento de Doralice assumindo corte frontal no reavivamento das experiências, deixando romeiros entristecidos, inseguros, levando-os a perderem ou desconhecerem ritos do seu próprio universo de vivências religiosas.

Em 2002, a comissão de foliões voltou a percorrer o município em razão da promessa política feita, em tempo de campanha, pelo prefeito que atualmente dirige Melgaço. Doando barco, óleo diesel, comida e realizando pagamento de salário mínimo aos foliões, a prefeitura responsabilizou-se pelo retomar das tradições no culto a São Miguel, realizado na zona rural. Elemento importante nessa luta por preservar dimensões vividas não foi apenas o fato de o prefeito ser católico e expressar devoção a São Miguel, mas a cobrança dos moradores do interior, que o levou a colocar em seu plano de gestão o retorno do santo com foliões, no período da festa.

O forte significado que possui o cantar dos foliões, com seus instrumentos, na vida de moradores singrados nas margens dos rios de Melgaço e nas fronteiras dos “Marajós das Florestas”³² pode ser acompanhado nas pressões para que a festa retomasse suas andanças. Tal situação faz pensar nas considerações de Brito, quando argumenta que “*a recorrência a imagens e sons para realçar as palavras são recursos utilizados pela oralidade para articular e reforçar a importância e o efeito de um momento*”.³³ Apesar de estar trabalhando com as memórias de José Camilo, beato do movimento de Pau de Colher (BA), as formulações de Brito abrem possibilidades para estabelecermos conexões entre imagens e sons, acompanhando expressões faciais e tonalidades nas vozes de cantadores da folia de São Miguel, permitindo melhor compreender como populações marajoaras, imersas em matrizes orais, expressam-se em cantos e benditos a partir de ícones da memória, não necessitando grafá-las em suportes do universo letrado.

Festa e vivências: oralidade e musicalidade na floresta

A voz, ao incorporar o gestual, a mímica e a sonoridade, realça, conforme Zumthor, efeitos e alcances.³⁴ Na simbiose voz, gesto, oralidade e musicalidade, tocadores de instrumentos rústicos, com materiais extraídos da própria floresta, unem essas dimensões ao entoarem cantos religiosos em homenagem a São Miguel, Nossa Senhora e à Trindade Santa, expressando reencontros, festas e vivências.

“Eu me sinto alegre de tá com os parceiros da gente cantando. A gente anda, conhece as pessoas tem intimidade com elas, pra mim é uma felicidade”.³⁵ O grupo de foliões, composto por diretor de comissão, mestre-sala, alferes da bandeira, violeiro, tamboreiro, ao aceitar nosso pedido para que entoasse uma melodia criada, reencenando as relações com habitantes da floresta melgacense por meio das cantorias, possibilitou pensarmos nessas mediações.

Apresentando-se difíceis de serem transcritas, as cantorias faziam com que constantemente voltássemos à fita gravada. Não conseguíamos transformar sua sonoridade em letra grafada no papel. Mesmo ajudados por cantadores e tocadores como Manoel Tavares, Bernardo e Manoel Braga, em vários momentos estes, por terem marcado ritmo e letra no inconsciente de suas memórias, também sentiam dificuldades de informar seus versos isoladamente. Precisávamos, constantemente, voltar ao início para que som e musicalidade fossem dando vida à letra. Passamos a perceber que a letra em si pouco representa quando tentam tomar suas tradições de oralidade e musicalidade sem o acompanhamento de sua sonoridade. Ou melhor, sem o toque dos instrumentos que lhes atribuem ritmo. Mesmo compreendendo os limites e a parcialidade de transformar em letra algo que não se descola de seu ritmo, expressando devoção e culto a São Miguel, tentamos compreender os sentidos que esses cantadores, homens que detêm quase que exclusivamente a letra e o som das folias, atribuem a essas experiências de peregrinação, relacionando com sentidos que a festa ganha em sua expressividade na mata.

As folias que compõem o ritual de esmolação nas comunidades rurais são sete. *A folia da chegada*, que pede permissão para o santo pernoitar ou passar algumas horas naquela localidade ou residência; *a folia da Ave-Maria ou das 18 horas*, que invoca a Virgem Maria para que abençoe aquele lar e família; *folia de agradecimento à alimentação*, que agradece aos donos de casa pela alimentação recebida; *folia da hora da ladainha*, entoada no início da ladainha convidando a comunidade local a participar do culto a São Miguel; *folia do término da ladainha*, que agradece e faz pedidos de perdão; *folia de despedida*, feita quando os foliões preparam-se para deixar aquela localidade ou residência, é uma cantoria de despedida e agradecimento pela acolhida que tiveram, prometendo voltar no

próximo ano, *e folia de chegada*, que é uma despedida das comunidades rurais, preparando para a chegada à cidade e à residência do padroeiro: a igreja da matriz. A letra dessas cantorias se expressa nos seguintes versos.

1 – FOLIA DE CHEGADA

Meu senhor dono de casa/Dê licença pra nós entrar/Com o milagroso São Miguel/Que veio lhe visitar.

É glória lá no céu/Cantamos com alegria/Jesus Cristo é Rei da Glória/Filho da Virgem Maria.

Milagroso São Miguel/Vem fazendo a sua visita/Vem deixando os seus milagres/A quem deles necessita.

2 – AVE-MARIA

As Ave-Marias estão dadas/Já são horas de oração/Já são horas de oração/Mestre-sala e folião.

É Glória lá no céu/Santana mãe de Maria/Maria mãe de Jesus/É mãe de nosso redentor.

Já se vai a luz do dia/Já se vem a treva noite/Meus senhores, minhas senhoras/Deus nos dê muito boa noite.

Entre duas velas acesas/Eu vejo um pombinho voando/É o milagroso São Miguel/E Deus do céu nos abençoando.

3 – AGRADECIMENTO DA MESA

Viva quem lhe serviu a mesa/Quem deu água aos foliões/Tem os anjos por companha/E glória o céu por salvação.

Virgem Maria nossa alegria/Estrela do norte/Seja nossa guia.

Esta mesa está bem ornada/Coberta com finos véus/Milagroso São Miguel/Leve essa mesa ao céu.

4 – FOLIA DE ENTRADA DA LADAINHA

Cheguem todos os devotos/Para fazermos o sinal-da-cruz/Na frente de São Miguel/Para sempre amém Jesus.

Está na hora, está na hora/São Miguel descendo da glória.

Abre-se a porta do céu/Abaixou a fina cortina/Abaixou o São Miguel/Pra receber a sua ladainha.

5 – TÉRMINO DA LADAINHA

Já rezamos os Pai-Nossos/Que é de nossa obrigação/Se não tiver a seu gosto lidal/De joelho eu peço perdão.

É glória lá no céu/Na terra lidal/Jesus, Maria e José.

Abre-se a porta do céu lidal/Suspendeu-se a fina cortina/O milagroso São Miguel lidal/Recebeu a sua ladainha.

Bendita santas palavras lidal/Encerramos as orações/O milagroso São Miguel lidal/Que nos cubra de benção

6 – DESPEDIDA

Vou cantar a despedida/Mas não é por desengano/Adeus, adeus, adeus./Adeus até para os anos.

Adeus, adeus, adeus./Esta fica em seu louvar/O devoto fica com Deus/E com Deus eu também vou.

Jesus pague a vossa oferta/Com prazer e alegria/O que destes ao São Miguel/Para o festejo do seu dia.

Benditas santas palavras/Já encerrada as orações/Na casa do irmão devoto/Que é de nossa obrigação

7 – CHEGADA À PARÓQUIA

Milagroso São Miguel/Vem fazendo a sua visita/Vem deixando seus milagres/A quem deles necessita.

Os anjos lá no céu cantaram hinos/Louvamos Jesus com alegria/Milagroso São Miguel/Seja sempre nosso guia.

Dei bom salve à santa igreja/Desde a porta principal/Também salve o santo altar/Onde está Jesus consagrado.

Pai, Filho, Espírito Santo/Jesus para sempre/Encerramos as devoções/Com a presença de Jesus.

Atentos à letra e ao sentido que atribuem a essa expressão de religiosidade popular nos Marajós, surpreendemos fortes códigos de comunicação constituintes de matrizes de oralidade expressas na voz, ritmo e modos de usar as palavras. Lembrando a fala de seu Bernardo, de que o pai “*via e foi botando aquilo na cabeça*”, podemos entender a composição dessas folias como proposta de evangelização que liga o universo oral das vivências e experiências com códigos letrados difundidos por evangelizadores, desde os tempos da presença dos religiosos de Vieira nessas terras.³⁶ Ouvindo a leitura da Bíblia, legionários dominicais ou pregações de religiosos consagrados pela Igreja oficial, ribeirinhos melgacenses incorporaram tais pregações selecionando o que tem forte ligação com seu mundo real, imaginário e religioso.

Ao observarmos que a presença da maioria desses foliões nas cenas religiosas do lugar ocorre constantemente, em função da saída da comissão para o interior do município, e que, passado esse período, a maioria fica ausente das celebrações e programações na igreja da matriz, elaboramos questões no processo de entrevista que ajudassem a entender essa prática de leitura na vida dos foliões.

“*Pra mim eu fazendo minhas orações diárias eu tou cumprindo minha obrigação*”.³⁷ O depoimento de seu Bernardo permite pensar como agentes históricos, formados entre outros princípios de religiosidade, têm dificuldade para se integrar em projetos de evangelização, que pouco valorizam sua cultura, seu jeito de ser, compreender, ler o mundo e *fazer religioso*.

Baseados em suportes de evangelização assegurados em modelos de culturas letradas, com exigência do domínio de códigos escritos, os projetos de evangelização implantados nos Marajós ainda hoje não conseguiram efetivar-se plenamente, atraindo para seu movimento homens, mulheres e crianças formados nos princípios de um catolicismo devocional.

Preferindo rezar sozinho, dialogar com Deus em casa, na roça, em sua casa de farinha ou em qualquer outro lugar por onde esteja, seu Bernardo explica como construiu sua própria forma de louvar e cultuar Deus e São Miguel quando está distante de seu instrumento musical. Outros parecem já ter incorporado tais ensinamentos, sem deixar de lado suas antigas matrizes de orientações religiosas. Nesse confronto/encontro, visualizam-se avanços e recuos, fusões e imbricamentos, negociações e contendas, dando existir para um tipo de religiosidade peculiar nessa região de margens e marginalizações.³⁸

Após a festa na mata e a chegada do santo à cidade, as movimentações dos foliões parecem ser feitas clandestinamente; tornam-se eles sujeitos anônimos, porque seus saberes parecem não ter mais sentido nas cenas da festa na cidade, que busca se oficializar por meio da presença de leigos letrados, freiras, padre e bispo. Contudo, ribeirinhos, ao migrarem para a cidade no tempo da festa, transgridem princípios de um catolicismo sacramental, inserindo, nesse espaço, elementos de suas religiosidades nos rituais festivos, seja nas novenas, ladainhas, cultos, missas, seja nas procissões quando o santo percorre as ruas da cidade. Vislumbram-se, nessas mediações, encontros/confrontos de saberes diversos, fazendo dialogar modos de vida e percepções de mundo que seguem ritmos de entrosamento.

O santo nas mediações “floresta-cidade”

O ritual da festa na mata interliga-se ao viver urbano ao som do tambor, reco-reco e viola. São Miguel, deixando seus devotos rurais/florestais, prepara-se para conquistar a cidade que o aguarda ansiosamente. Fotografias do ritual de chegada do santo dão conta de revelar as movimentações vividas na Melgaço festiva.



Foto 3 – Barcos que trazem o santo e os foliões da festa na mata.
(Foto: Arquivo da Paróquia de São Miguel Arcanjo, CFDG – Comunidade Filhas da Divina Graça –, Casa de Missão, Melgaço, 1996.)



Foto 4 – Moradores da cidade recebendo o santo que chegou do interior do município.
Início da caminhada. (Foto: Arquivo da Paróquia de São Miguel Arcanjo, CFDG, Casa de Missão, Melgaço, 1996.)



Foto 5 – Puxada pelo alferes da bandeira, a população urbana de Melgaço vai rasgando o trapiche municipal em direção à igreja da matriz. (Foto da pesquisa, Melgaço, 2002.)



Foto 6 – Deixando o trapiche, a peregrinação adentra na cidade pela avenida Senador Lemos, rua principal. A foto traz as duas folias que chegaram ao mesmo tempo do interior do município. (Foto: Arquivo da Paróquia de São Miguel, CFDG, Casa de Missão, Melgaço, 1996.)



Foto 7 – Percorrendo as ruas da “cidade-floresta”, São Miguel vai se reencontrando com seus moradores. Em gesto de devoção, devotos urbanos ajoelham-se para pagar suas promessas, beijar a fita do santo ou recebê-lo das mãos de outros peregrinos. (Foto da pesquisa, Melgaço, 2002.)



Foto 8 – Cumprindo suas penitências, durante a caminhada realizada na chegada do santo, devotos de São Miguel traduzem em seus corpos cumprimento de penitências, promessas e dádivas recebidas. (Foto da Pesquisa, 2002.)

Pelo viés dessas imagens podemos sondar expressões de devoções, sinalizadas nos rostos dos moradores que, nesse contexto, fazem-se peregrinos do arcanjo Miguel. Em ritmo de recitações de Ave-Maria, Pai-Nosso, Creio em Deus Pai, oração de São Miguel, cantos de catolicismos oficial e popular entoados na cidade e na floresta, misturados com o toque dos instrumentos musicais dos foliões e de suas melodias cantadas, na maioria das vezes apenas pelo som da boca de quem acompanha a peregrinação, a festa vai deixando os espaços da mata e infiltrando-se no festejar na cidade. Não apenas um afastamento geográfico, mas especialmente uma transfiguração, registrada no silenciar do canto das

folias, forte elemento de ligação entre rural e urbano, a festa ganha novos rituais sagrados e profanos como ladainhas, cultos, missas, bingos, leilões, apresentações artísticas-culturais, movimentações de compra, venda e diversões no arraial.

Após a chegada do padroeiro, que comumente acontece no segundo sábado de setembro, entre 11 horas e meio-dia, à noite a cidade prepara-se para a transladação da imagem de São Miguel que, colocada numa berlinda, sai da igreja matriz e percorre as principais ruas, indo dormir na Escola Estadual Tancredo Neves. No dia seguinte, pela manhã, oficialmente ocorre a abertura da festividade do Arcanjo Miguel em Melgaço, com o círio e a missa solene.

A presença das irmãs Filhas da Divina Graça, às vezes do padre da paróquia de Portel confere ao momento um tom de institucionalização da manifestação. Foliões, que na mata cantavam, ajudavam a rezar a ladainha e a comentar, por meio de seus saberes, a palavra de Deus guardada nas memórias da Bíblia, agora na cidade, tornam-se figurantes. Seu silenciar mistura-se ao dos demais pregadores e romeiros, passando a ser evangelizados por uma proposta de ensinamento pautada no universo erudito que, mesmo sem valorizar suas experiências construídas nas sendas de um catolicismo de orientação popular, incorpora conhecimentos em relacionais diálogos oral/letrado.

Na chegada à cidade, a comissão de foliões trazendo o santo aproxima-se do trapiche, hoje reconstruído como Terminal Hidroviário Orestes Leão. Só então a última folia pode ser cantada, já que deixa a mata e passa a compor os territórios da cidade. Quando o barco que traz a imagem do santo, foliões e donativos começam a se aproximar do porto da cidade, fogos de artifício pipocam no céu de Melgaço e os sinos da igreja ressoam, avisando aos moradores que o santo está chegando. É a festa adentrando os espaços da cidade, reconstituindo os rituais e contagiando seus moradores.

Dirigindo-se para o trapiche municipal, devotos, curiosos, religiosos, romeiros prepararam-se para receber a imagem que, saída do barco, entra na cidade em peregrinação pela rua principal até a Igreja da Matriz. Nas fotos, um número considerável de sombrinhas sinaliza as(os) promesseiras(os) que desejam carregar o santo. A sombrinha é o símbolo da proteção, procurando livrá-lo do sol escaldante ou, então, da possível chuva. Outro símbolo de destaque é a bandeira vermelha, que acena, em seus movimentos, onde o barco vai aportar nas comunidades rurais e, na cidade, conduz a romaria até a igreja.

Na caminhada com a imagem do santo ao seu altar, as cantorias vão sendo silenciadas e os cantos da festa na cidade vão ganhando ritmo e voz ao som dos instrumentos de reco-reco, viola, pandeiro, que depois são substituídos por violões, saxofones, guitarras, contrabaixo, clarinete, microfones e pseudocarro-som. São as mediações rural/urbano a partir da fusão de elementos de uma cultura material/sonora ribeirinha com cantos e rezas de um

catolicismo oficial modernizador. Chegando à igreja, foliões entoam a sétima cantoria, entrelaçando a festa da mata com a festa da cidade. Em seguida, são dados vivas ao padroeiro e os foliões narram a trajetória da peregrinação nas comunidades rurais.

Durante o mês de setembro, são três as maiores peregrinações que se realizam com a imagem do padroeiro do município. A primeira acontece na zona rural. A segunda, quando o santo deixa os rituais e cantorias da festa na mata e entra no espaço da cidade, sendo vivenciados o círio do padroeiro e a abertura oficial da festa. Nesse momento, moradores deixam seus afazeres para viver o primeiro ritual da festa na cidade, recebendo o santo que chega no colo da comissão de foliões. A terceira é a procissão pelas ruas da cidade no dia 29 de setembro, encerrando os festejos. Algumas imagens fotográficas permitem visualizar contextos históricos diferentes dessa terceira e principal peregrinação.



Foto 9 – Procissão de São Miguel na década de 60. Pessoas importantes, como prefeitos, vereadores, procuravam carregar o andor do santo, demonstrando sua devoção e fé e ao mesmo tempo tentando legitimar-se como representantes legais dos melgacenses, ao lado de humildes moradores vestidos de calção e leigos engajados na organização da festa. (Foto doada por um morador para a pesquisa.)



Foto 10 – Procissão de São Miguel, primeiros anos da década de 80. Mais uma vez, entre as pessoas que carregam o andor estão o vice-prefeito e o prefeito. Mesmo percebendo alterações na forma de organizar a manifestação religiosa, a presença dos políticos locais sempre fora muito forte no momento em que o santo é apresentado em espaços públicos para a população. (Foto: Arquivo de seu Adimir Borges.)



Foto 11 – Procissão do Arcanjo Miguel em cenário da rua 12 de outubro, com suas casas de alvenaria ao lado daquelas que preservam os recursos da floresta: palha e madeira.

O aumento da população local e a participação de moradores de outros municípios marajoaras tornaram a festa de São Miguel um evento disputado por diferentes agentes históricos. Nesta foto, a presença do bispo do Marajó, Dom José Luiz Azcona, juntamente com as irmãs Filhas da Divina Graça, reveste o evento de outros significados. Ainda que a presença dos políticos continuasse na condução do andor, seus gestos apresentam-se com menor grau de legalidade, já que a festa deixou de ser por eles dirigida. (Foto da Pesquisa, Melgaço, 2002.)

Nas imagens da procissão de São Miguel, em diferentes contextos históricos, podemos perceber tradições que se reencenam e reatualizam, tanto na voz dos moradores quanto em suportes de memórias impressas com ajuda de fotógrafos amadores e profissionais. Essas fotografias³⁹ podem ser traduzidas e interpretadas como veículos necessários para preservação de ritos, reverências e marcas de um catolicismo devocional que se refaz a cada movimentação de seus agentes sociais, ao mesmo tempo que traz modificações impressas na organização tanto da festa religiosa, quanto da profana, especialmente a partir da freqüente atuação do bispo do Marajó e das Filhas da Divina Graça, representantes de uma religiosidade marajoara oficial.

Em tempo de festa, o porto da paróquia de São Miguel, assim como o principal porto de entrada em Melgaço, fica florido de embarcações, especialmente nos três últimos dias, quando ribeirinhos migram da mata depois de já terem assistido e convivido com novenas, ladainhas, cantorias em homenagem a São Miguel rezadas e entoadas pela comissão de foliões.

Vivendo essas diversas formas de cultivar o padroeiro do município, esses homens e mulheres, que têm suas vidas marcadas pelos movimentos de águas e matas, vão resguardando em suas memórias relações e convivências com a cidade e seus muitos transeuntes. *Fazem da festa articulações mútuas de louvores, emoções e lágrimas derramadas nas oferendas e pedidos postos diante do arcanjo Miguel, encontros de habitantes da mata e da cidade, misturando seus costumes, valores, necessidades, culturas em espaços míticos do sagrado e do profano.*

A convivência dessas formas de expressões historicamente caminha lado a lado, no decorrer de vivências de moradores, romeiros e visitantes, desde os tempos da Melgaço vila. Na voz de pessoas que tiveram suas vidas marcadas por uma forte convivência com princípios, ensinamentos e formas de catolicismo popular, constituídos nas cidades florescidas marajoaras e seus arredores, surpreendem-se repúdios às práticas profanas emergentes, denunciando-as como falta de fé e devoção à festa de São Miguel.

Sobre esse processo de percepção entre as festas do passado, vistas como sinônimo de forte religiosidade, e as festas do presente, como espaços de profanação da fé, seu Mamede, em caderno de memórias, no início da década de 80, já pressentia tais mudanças.

Quando eu abri os olhos a festa já existia. A festa era tão concorrida que me atrevo a dizer que hoje não se faz mais festa e sim, comércio. Nas festas antigas, o povo que concorria vindo do interior do município, vinha simplesmente para gastar suas economias juntadas durante um ano, assim como trazia os filhos para receber o batismo, havia casamentos. Hoje é diferente, aos vinte e cinco dias (setembro) começa a chegar os marreteiros, alguns



Barcos nos trapiches da cidade.



Foto 12 – Trapiche da Igreja de São Miguel.

Foto 13 – Trapiche Municipal. Ribeirinhos, moradores de cidades marajoaras com suas embarcações também ajudam a compor o cenário da Festa de São Miguel, quebrando a rotina do viver urbano em Melgaço. (Fotos da pesquisa, Melgaço, 2002.)

chegam até no fim da festa, todos vêm com um só propósito – marretar. Só uma pequena parcela é que vem passar a festa, brincando ou no sentido espiritual, nada mais de reverência. É tão banal que a gente sente a falta de fé. É só interesse comercial e mais nada⁴⁰.

Rememorando as festas do padroeiro na antiga vila de Melgaço, o memorialista visualiza mudanças significativas, que para ele dão ao evento um outro sentido. Antes,



Foto 14 – Mundo do Sagrado reatualizado na chegada do santo à tenda instalada em frente à igreja da matriz, após todo percurso feito pelas principais ruas da cidade floresta. O suor da peregrinação, misturado com as muitas lágrimas e emoções expressas no rosto dos romeiros e devotos dá visibilidade ao contínuo da tradição que se refaz na fé do povo marajoara. (Foto da Pesquisa, Melgaço, 2002.)

a festa tinha um sentido de diversão, religiosidade, devoção. Os moradores do interior preparavam-se um ano, faziam suas economias para poderem gastar na época do festejo. Era a oportunidade que tinham para realizar casamentos, batizados, confissões, pagamentos de promessas. Era, talvez, o momento para solicitar novas graças e agradecer pelas conquistas adquiridas, além de refazer laços afetivos nos encontros e reencontros com seus pares. Para seu Mamede, as festas realizadas depois da década de 80 assumiram outro caráter. Com a maior presença de vendedores ambulantes, estimulou no coração das cidades marajoaras o aumento do interesse pela comercialização e aquisição de diversos e diferentes produtos, enlaçando a região em práticas mercadológicas.

Neste processo, a relação entre festa e economia se apresentam como dois elementos indissociáveis. Para visualizarmos melhor essa questão, basta observarmos os diversos interesses ali existentes. Além disso, é também uma experiência que passa de pessoa a pessoa e nem sempre ocorre através do criador,⁴¹ pois diversos sujeitos se apropriam dessa prática na relação com diferentes pessoas. Essa relação vivifica os rituais, as crenças e as relações sociais entre os moradores. A vida se renova a cada evento realizado.

Em contato com o anuário da prelazia de Marajó, elaborado em 1968 pelos padres agostinianos recoletos (religiosos que a partir de 1928 assumiram os rumos da fé cristã na



Foto 15 – Barracas de vendas instaladas no arraial de São Miguel. Vendedores ambulantes de Breves, Portel e outros lugares ajudam a construir o cenário da festa. Como eles mesmos dizem, nós fazemos a festa, sinalizando as mutabilidades de significados no festejar. (Foto da pesquisa, Melgaço, 2002.)

ilha, arquipélago e furos)⁴², objetivando traçar o perfil da região com sua organização pastoral, atividades desenvolvidas, sinalizando ainda aspectos e problemas, percebemos que a proposta de levar a palavra de Deus para as diversas povoações e vilas existentes na região teve, inicialmente, um caráter político. Demarcou territórios religiosos do catolicismo oficial, pois a presença no interior do Pará de outras formas de culto a Deus e aos santos pautava-se muito mais pela devoção do que por seguir normas e sacramentos instituídos pela Igreja romana.⁴³

A construção de uma prelazia responsável por romanizar formas de catolicismo desenvolvidas nas vilas, lugares e cidades florestas marajoaras trouxe como pano de fundo proposta diferenciada de culto aos santos. O apego das populações aos seus santos e santas de maneira devocional entrava em choque com ensinamentos de religiosos que migraram para a região como missionários. Dom José Luis Azcona, terceiro bispo na história da prelazia de Marajó a tornar-se responsável por levar adiante tal projeto, já deixa ver em suas mensagens escritas no folheto da festa de São Miguel essa preocupação.

São Miguel é o anjo forte do Senhor, enviado por Deus aos seus eleitos para proteger seu povo com a espada poderosa da santa fé que liberta aos cristãos de todo perigo de alma e corpo. Nosso povo sempre experimentou esta proteção de S. Miguel ao longo de sua história.

Ele nos ensina hoje a confiar plenamente em Deus, pois Miguel significa: Quem como Deus? Ninguém. Por isso esta festa está nos convidando a colocar toda nossa fé e confiança em Deus.⁴⁴

Explicando o papel que tem o arcanjo Miguel nesse campo espiritual, o bispo procura reforçar ensinamentos de um catolicismo sacramental que põe em evidência Deus como centro de todas as coisas e os santos apenas como interlocutores nas relações com os homens. Essa proposta visa eliminar maneiras de cultuar e prestar devoção aos santos padroeiros das localidades marajoaras, bem como inserir moradores da região em outras percepções de significações religiosas.

Por sua vez, romeiros, devotos, moradores locais parecem conjugar em suas práticas as orientações da Igreja oficial marajoara com suas maneiras de reverenciar seus santos. De acordo com olhares de dona Jusefa, o confronto/encontro nas formas de compreender o papel que São Miguel possui na vida dos melgacenses pode ser fortemente vislumbrado:

*São Miguel é um santo que tudo quanto é gente a modo que não se lembra assim de outro santo só de São Miguel. A gente tem a modo um medo, se a gente falar uma palavra contra ele, já vai fazer um mal pra gente. Eu tenho demais fé nele, eu confio demais em São Miguel.*⁴⁵

Nesse território de disputa entre a proposta de evangelizar populações que tiveram suas identidades fortemente marcadas por ensinamentos de um catolicismo devocional, oral, popular e um catolicismo europeu, sacramental, entra em cena a disseminação de novas seitas em todo município e especialmente na zona urbana. A esse respeito, Manoel Pacheco, ribeirinho do município de Breves, leigo engajado nas CEBs e adepto das orientações feitas pela prelazia de Marajó na região, em suas observações sobre as mudanças na festa assinalou:

*Então de lá pra cá o que eu admiro é que nessa época não vinha o bispo e também não tinha as irmãs aqui, dessa época pra cá o que eu noto que está melhorando muito é a presença do nosso bispo muito de fé, muito inteligente e a gente nota que ele é uma pessoa muito forte, então é o que eu estou notando, mas em outras partes me traz uma tristeza por ser um lugar pequeno e ter confusões de igreja que, naquela época, não tinha. Era uma fé mais sólida porque não tinha certas confusões que hoje em dias tem, por uma parte me corre essa tristeza.*⁴⁶

Apesar de considerar importante a atuação do bispo e das irmãs no município, Manoel Pacheco traduz em sua fala sentimento de tristeza por perceber que o catolicismo está perdendo seus territórios no município, em função da disseminação de outras expressões de fé que negam o culto aos santos da religiosidade popular.⁴⁷

Nesse campo de embates religiosos, a festa de São Miguel surge como aglutinadora de diversos interesses, fazendo aparecer em suas cenas sagradas, e especialmente profanas, adeptos de outra fé cristã. Em tempo de festa, pastores das religiões e seitas instaladas no município assistem atônitos a muitos de seus fiéis desviarem-se de sua “cruz” para usufruir das delícias e programações proporcionadas pela festa católica. Passadas as comemorações, muitos retornam para suas caminhadas, deixando ver como agentes sociais convivem com diferentes e aparentemente divergentes práticas do universo sagrado e profano.

São Miguel Arcanjo, então, vai fazendo de Melgaço lugar onde podem ser contadas muitas histórias, tanto através de depoimentos orais de romeiros, moradores, ribeirinhos, vendedores ambulantes, caderno de memórias, anuários, folhetos da festa, observação atenta do cotidiano em suas variadas experiências sociais, quanto dos próprios gestos, choros e movimentos dos moradores que explodem do corpo do santo, quando acompanhamos práticas de religiosidades em territórios de cidades florestas marajoaras.

Recebido em abril/2004; aprovado em maio/2004

Notas

* Mestre e doutorando em História Social pela PUC-SP.

¹ Ver desdobramento dessa questão em nossa dissertação, especialmente no Capítulo I, “Memórias em tempos de prosperidade e penúria”, no tópico Sinais da Memória: São Miguel Arcanjo e o prenúncio das histórias de Melgaço, pp. 109-114.

² A intensidade das narrativas, quando reportam-se às crenças e histórias do santo que reproduz em suas ações gestos humanos para a comunicabilidade com seus devotos, possibilita dialogar com Antonacci quando assinala que “tais religiosidades, muitas vezes rebeldes e insurgentes, contestadoras do *status quo* provêm de processo de expropriações e vivências de confrontos sociais diversos, expressando transgressões a ordens excludentes e inclusões por meio de práticas dessas mesmas religiosidades, que podem ser pensadas como um persistente confronto aos códigos, valores, condutas e linguagens dominantes”. ANTONACCI, M. A. Artimanhas da História. *Projeto História*, n. 24. São Paulo, Educ. jun./2002, p. 190. Na carência de líderes políticos que lutassem contra os tempos de abandono que a comunidade vivenciou, os moradores de Melgaço, ao elegerem inconscientemente o Arcanjo São Miguel como principal responsável por suas conquistas/derrotas, encontraram em suas religiosidades formas de expressar o enraizamento social à terra dos Mamedes e Nogueiras como “último reduto de sobrevivência de seus modos de ser, de viver e de relacionar-se com ‘os outros’”. Caminharam e explicaram suas trajetórias de vida inspirados “na única linguagem que ainda lhes permite exprimir-se diante do triunfo da razão que deseja negá-la”. CERTEAU, M. “A beleza do morto: o conceito de cultura popular”. In: *Cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995, p. 73.

³ Buscando compreender diferentes olhares, modos de participar e construir significações sobre a cidade e a festa, recorremos a diversos moradores melgacenses, quer habitantes da floresta, quer habitantes da cidade, seguindo as orientações da História Oral, a partir do contato com estudiosos que lidam com essa metodologia de pesquisa. Dentre os muitos autores, estabelecemos intensos diálogos com Alessandro Portelli, Alistair Thomson, Raphael Samuel, Pierre Nora, Ecléa Bosi, para citar os principais. Querendo conhecer mais, consultar números de *Projeto História*.

⁴ O entendimento da constituição da cidade de Melgaço, no arquipélago de Marajó, como uma “Cidade-Floresta” emergiu de nossa pesquisa de mestrado quando, na tentativa de entender a formação do espaço urbano, por meio de memórias orais e escritas, percebemos que a cartografia da cidade foi tecida por saberes e experiências de viveres provenientes de espaços rurais/florestais do município. Antigos caminhos de roça deram origem a ruas de chão batido e avenidas asfaltadas, instrumentos de trabalho foram ressignificados para continuar sendo utilizados no novo espaço de moradia, assim como códigos do mundo rural não se perderam nas malhas de mudanças da antiga vila que se transformou em cidade.

⁵ Problematizamos a palavra Marajó no singular, sinalizando a complexidade e a pluralidade do viver na região. A perspectiva é traduzir os Marajós como espaço potencializador de muitas, diferentes e divergentes, formas de viver, trabalhar e festejar, sem deixar de lado singularidades e semelhanças nas trajetórias de formação e desenvolvimento dos dezessete municípios que compõem a região.

⁶ Como assinala Guarinello, “a festa tem suas próprias regras, seus códigos de conduta, sua rede de expectativas recíprocas, que podem ser escritas, ou fortemente ritualizadas. (...) Não apaga as diferenças, mas une os diferentes. (...) toda festa implica numa determinada estrutura de produção e de consumo, e, portanto, uma estrutura de poder”. GUARINELLO, N. L. “Festa, trabalho e cotidiano”. In: JANCÓS, I. e KANTOR, I. (orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo, Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001. v. I, p. 973.

⁷ Canclini comenta que as manifestações populares não são vividas pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições. Não sendo sinônimo de tradicional, arcaico, o popular está em constantes transformações e interações com outras expressões religiosas e práticas sociais. CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo, Edusp, 2000, p. 221.

⁸ Entrevista com Manoel Soares, seu Grosso, Melgaço, abril de 2002.

⁹ Id.

¹⁰ O relacional jogo da memória entre passado/presente modifica as representações que agentes históricos constroem sobre suas experiências comungadas em outros tempos. BOSI, E. *Memória e sociedade – Lembranças de velhos*. 5 ed. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 55.

¹¹ Estudos recentes têm demonstrado que práticas sagradas não são dicotômicas em relação às profanas, surpreendem-se constantes intermediações entre tais dimensões. Contudo, os depoimentos de seu Manoel Soares e Adamir Borges colocam em evidência um momento da história da “cidade-floresta” Melgaço em que a maioria dos moradores dava maior ênfase para os rituais sagrados, uma vez que o profano apresentava-se em poucos espaços. Sobre abordagens contemporâneas que envolvem distintas expressões religiosas em territórios profanos, ler: MONTES, M. L. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). *História da vida Privada no Brasil – Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, pp. 63-172.

¹² Entrevista com Adamir Borges, Melgaço, fevereiro de 2003.

¹³ MAGNANI, J. G. C. *Festa no Pedço: cultura popular e lazer na cidade*. 2 ed. São Paulo, Hucitec/Unesp, 1998, p. 12.

¹⁴ A idéia de território que vai se configurando na cidade está pautada nas reflexões de Raquel Rolnik quando considera que “o território é uma noção que incorpora a idéia de subjetividade. Não existe território sem um sujeito e pode existir um espaço independente do sujeito. (...): o espaço real vivido é o território”. ROLNIK, R. “História urbana: História na cidade?”. In: *Cidade e História – Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Tese de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Bahia, UFBA, 1992, pp. 27-29.

¹⁵ Entrevista com Antônia Farias, dona Neuza, maio de 2002.

¹⁶ Entrevista com Raimunda Ferreira, Dudu, dezembro de 2002.

¹⁷ Entrevista com dona Neuza Farias, depoimento citado.

¹⁸ A composição da população de Melgaço, por ser a maioria de habitantes da própria região marajoara, projetou uma fisionomia de cidade pouco comum para os estudos sobre viveres urbanos. Se em alguns destes “os deslocamentos de populações (...) significam alterações profundas em seus modos de vida, na forma de satisfação de suas necessidades e no aparecimento de novas necessidades [implicando], em suma, um reordenamento de todo o seu estoque simbólico”, em cidades como Melgaço essa ruptura foi pouco sentida por quem passou a habitá-las nos primeiros anos da década de 60, logo após a emancipação do município. MAGNANI, op. cit., p. 23.

¹⁹ No que diz respeito a pensar a cidade de Melgaço como o espaço da moradia, consultar: BAIA, H. P. *A cidade no tempo, o tempo da cidade: elementos para a compreensão da formação histórica e geográfica da cidade Melgaço-Pa*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela UFPA, Campus de Breves, 2004.

²⁰ O concurso para a escolha da Rainha da Festividade de São Miguel percorreu intensas historicidades. Seus significados traduzem percepções de como moradores rurais e urbanos conviviam com essa prática que se expressa em diferentes manifestações culturais em todo Brasil. Com as movimentações da cidade para horizontes de uma cultura midiática, o concurso deixou de se realizar a partir de 2000. Refletindo esse processo de mudança, podemos chamar para esse debate Williams, quando analisa vivências emergentes e residuais no contexto das sociedades humanas. WILLIAMS, R. “Dominante, residual e emergente”. In: *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1979, p. 125.

²¹ Entrevista com Maria das Graças Michiles, Melgaço, fevereiro de 2003.

²² Gilmário Brito desenvolveu pesquisa inédita sobre o movimento de Pau de Colher ocorrido em Casa Nova, Bahia, no período de 1934-1938. Trabalhando fronteiras do universo letrado e oral, o autor percorre e traz à tona ricas mediações e diálogos entre essas dimensões de leituras de mundo que potencializaram a emergência de formas de religiosidade desgastadas e apagadas da proposta de um catolicismo de base oficial, mas que resistiram e persistiram em várias localidades do Nordeste brasileiro, migrando para tantos outros lugares do Brasil rural. Brito, Gilmário Moreira. *Pau de Colher na letra e na voz*. São Paulo, Educ, 1999, p. 63.

²³ Sobre diversas formas de compreender e interpretar o mundo, via práticas de leitura, Antonacci assinala que essas práticas “contribuem, também, para a apreensão de sentidos e significados de saberes locais, confundidos como parte da paisagem, espaço natural aleatoriamente ocupado, mas que comportam, em seus próprios modos de configuração e de funcionamento, contrapontos vitais enquanto reservatórios de sobrevivência e energia de culturas materiais e sensíveis diante do acelerado esgotamento e pasteurização de modos de vida e culturas nos auto-denominados epicentros dominantes”. ANTONACCI, M. A. “Apresentação”. *Projeto História*, n. 26. São Paulo, Educ, 2003, p. 8.

²⁴ Entrevista com Manoel Tavares, mestre-sala da folia de São Miguel, Melgaço, 30/7/2003.

²⁵ Antonacci, estudando Williams, nos diz que o termo incorporação seletiva coloca em questionamento perspectivas que apreendem os sujeitos históricos recebendo passivamente saberes culturais em seu universo. ANTONACCI, op. cit., 2002, p. 206.

²⁶ Entrevista com Bernardo Almeida, Melgaço, setembro de 2002.

²⁷ Entrevista com Manoel Tavares, depoimento citado.

²⁸ Id.

²⁹ Entrevista com Doralice Pinheiro Pinto, Melgaço, setembro de 2002.

³⁰ Entrevista com Manoel Tavares, depoimento citado.

³¹ Entrevista com Doralice Pinheiro Pinto, depoimento citado.

³² A região marajoara, por sua vegetação diferenciada, pode ser concebida em duas dimensões: o Marajó das Flores-tas e o Marajó dos Campos. Essa região compõe-se com campos naturais, zonas de mata, praias, rios e mar. Amazônia – Marajó – Venha desfrutar de seus encantos. *Revista Ver-o-Pará*, ano VIII, nº 17, Jan/Mar – 2000, p. 5.

³³ BRITO, op. cit., 1999, p. 181.

³⁴ ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo, Educ, 2000.

³⁵ Entrevista com Bernardo Ferreira de Lima, depoimento citado.

³⁶ Conforme documentos escritos encontrados sobre a história da vila São Miguel Arcaño, sua fundação ocorreu no ano de 1653 pela Companhia de Jesus, liderada pelo padre Antônio Vieira, objetivando catequizar e evangelizar populações nativas que habitavam a região, erigindo a aldeia Guarycurus, de índios Nhengaíbas. PACHECO, A. S. *À margem dos marajós...* op. cit., p. 50.

³⁷ Entrevista com seu Bernardo Ferreira, depoimento citado.

³⁸ A população do município de Melgaço sobrevive da extração de madeira, palmito, estes já em processo de esgotamento em função da falta de políticas de desenvolvimento sustentável para a região. A agricultura de subsistência, juntamente com a pesca de camarão e outros tipos de peixes e mariscos, completam o quadro da economia do município. Na sede, a prefeitura é a maior fonte de emprego, já que as poucas indústrias instaladas faliram. Em 2001, segundo a PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), Melgaço estava na 33ª posição dos 100 piores em qualidade de vida no país. No Pará, ocupava a segunda posição, perdendo somente para Garrafão do Norte.

³⁹ Raphael Samuel assinala que, nos últimos anos, historiadores locais têm invocado evidências visuais, numa tentativa de tornar mais compreensível o particular, transmitir uma noção mais imediata do local. Todavia, o historiador não pode perder de vista que o seu trabalho é construído pelas experiências dos sujeitos que configuram aquele espaço em estudo, pois do contrário, como nos alerta Samuel, nossa atenção poderá ser desviada das pessoas para o lugar. SAMUEL, R. Teatros da memória. *Projeto História*, n. 14. São Paulo, Educ, fev./1997, p. 224. Conforme apontamentos de Benjamim, como o olhar apreende mais depressa do que a mão que desenha, o processo de reprodução de imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. BENJAMIN, W. "A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica". In: *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p.167. Ver, ainda, CARVALHO, T. Campanha de. *Fotografia e cidade: São Paulo na década de 1930*. Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1999. KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 2 ed. São Paulo, Ateliê Editora, 2000; LEITE, M. M. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. 3 ed. São Paulo, Edusp, 2001; RIBEIRO, S. B. *Italianos do Brás: imagens e memórias – 1920-1930*. São Paulo, Brasiliense, 1994; MAUAD, A. M. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. *Projeto História*, n. 22. São Paulo, Educ, jun./2001.

⁴⁰ Francisco de Oliveira e Souza – Caderno de Memórias.

⁴¹ SILVA, C. S. P. da. *E viva São Benedito! A reconversão da festa popular: as formas da manifestação na cotidianidade*. Tese de doutorado, Programa de Comunicação e Semiótica. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1999, p. 18.

⁴² O tópico do Anuário intitulado Efemérides da prelazia de Marajó, informa que em 14 abril de 1928, o papa Pio XI, por meio da Bula "Romanus Pontifex", criava a prelazia de Marajó encomendando-a aos padres Agostinianos Recoletos.

⁴³ No Pará, interessantes estudos têm sido realizados na tentativa de compreender como se deu o processo de romanização do catolicismo na Amazônia e que relações podem ser aprendidas dos encontros/confrontos do catolicismo popular com práticas eclesásticas. Dentre os muitos trabalhos, ler: MAUÉS, R. H. *Uma outra "invenção" da Amazônia – Religiões, histórias, identidades*. Belém, Editora Cejup, 1999.

⁴⁴ Programa da Festividade de São Miguel, ano 1987, p. 3.

⁴⁵ Entrevista com dona Jusefa Almeida, Melgaço, setembro de 2002.

⁴⁶ Entrevista com Manoel Castro Pacheco, Melgaço, setembro de 2002.

⁴⁷ De acordo com Maria Lúcia, "a perda da centralidade com relação à capacidade de conferir significado à existência do homem e à sua experiência de vida, fez com que, no Brasil, as religiões passassem por um processo de transformação". MONTES, op. cit., p. 71.